

**Pórtico Edições**

apresenta:

**esfinge lunar  
e outros  
enigmas**

**goulart gomes**

**2<sup>a</sup> edição**

acrescida de 13 poemas inéditos

## **ESFINGE LUNAR E OUTROS ENIGMAS**

Direitos autorais do autor

Caixa Postal 8622

41825-971 Salvador, Bahia, Brasil

1ª. Edição:

Rio de Janeiro: CBJE – Câmara Brasileira de Jovens escritores e Grupo Cultural Pórtico, 2001

2ª. Edição: Fevereiro/2011

[www.goulartgomes.com](http://www.goulartgomes.com)

# O lobo na pele da esfinge

O uivo desse lobisomem poeta — Goulart Gomes — é alunissante. A *Esfinge Lunar* é o símbolo do bardo licantropo que faz uma viagem pelo Oriente de seu cerne e percebe a beleza — essa coisa fêmea — num momento de paixão, e a revela nos poemas *L’Ana*: “*L’Ana e su’alma de caranguejo / subterrânea / submarina / tenazes fortes e cor baiana: / a mais doce mistura destas tendas;*” e *Lákshimi*: “*Minha deusa dormiu na minha rede / e fez da minha alma / numa dança de Shiva / seu tapete*”.

Em um outro olhar, de repente, doma *O touro* sagrado da Índia, touro dos sanduíches e do basquete estadunidense, touro gitano de Rafael Alberti e Garcia Lorca, touro nordestino de Patativa do Assaré e de Vavá Machado e Marcolino. Assim como *Os Bridões de Ouro*, Goulart Gomes, em *O touro*, fabula: “*talvez ele até puxe prosa / se estiver animado / e te conte como virou / este animal encantado*”.

E a transmutação continua, agora o poeta é povo — *Um povo e Monólogo com o mar* — e sente por seu povo, porém sem contrição nem engajamento, apenas deixando transparecer o paradoxo e a cegueira desses dias atuais. Em *Esfinge Lunar e outros enigmas*, Goulart Gomes parece, na verdade, ser um confitente. Seu ato de confissão: pura poesia.

José Inácio Vieira de Melo, escritor



# prefácio à segunda edição

A primeira edição de *Esfinge Lunar e Outros Enigmas* foi publicada em 2001, logo após a publicação de *LinguaJá*, o *Território Inimigo*. Dele foram impressos apenas trinta exemplares, quase todos distribuídos a amigos e leitores mais próximos.

Ele reúne poemas que datam de um período intermediário entre a elaboração e *LinguaJá* e a sua publicação, que só não integraram o livro anterior porque o projeto do mesmo – aprovado em um edital de publicação – não podia ser alterado.

Por todos estes anos ele se tornou quase que um “livro apócrifo”, sobre o qual eu quase nada comentava. É que à época em que veio a público, eu ainda vivia a repercussão positiva de *LinguaJá* e pouco trabalhei a sua divulgação, postergando indefinidamente a sua divulgação e lançamento.

Com esta nova edição propiciamos o seu conhecimento a um público maior e resgatamos a sua importância, dentro da nossa bibliografia.

*Goulart Gomes*



# sumário

O analfabeto ideológico,	9
Esta poesia,	11
Vago lume, fogo farto,	13
Curvas,	14
Chuva,	15
Mêta poesia,	16
Lákshimi,	18
Gratia dei,	19
O outro lado da lua,	20
Ensaio 20,	21
Dois mil,	22
L´ana,	23
Tempo farpado,	25
Ensaio 19,	26
Licantropia,	27
Eternidade,	29
Beatriz,	30
L,	32
Ensaio,	33
Madrugada,	34
Um povo,	35
Alegorias II,	36
Criação,	37
In sito lado,	43
Aluado,	44
Corpo II,	45
Descobrimento,	46
O touro,	47
Alunissar,	49

Um país de brinquedo, 50  
O verme que comeu a orelha morta de van gogh, 51  
Réquiem, 52  
Sarcófago, 53  
Pluvial, 54  
Ensaio 19, 55  
Periculosidade, 56  
Teias, 57  
Os tais sinais, 58  
Dias melhores, verão, 59  
Bula alquímica para um amor elementar, 60  
Altitude, 62  
Tudo o que Sartre precisava saber sobre filosofia, 63  
Enigma, 65  
Monólogo com o mar, 66



# O ANALFABETO IDEOLÓGICO

## ou Carta Aberta a Herr Brecht

O pior analfabeto é o analfabeto ideológico.

Ele desconhece a importância  
do respeito ao ser humano  
e é capaz até de destruir tudo à sua volta  
pelas suas crenças.

Ele é o pai de todas as guerras.

O analfabeto ideológico é tão burro  
que ignora que milhões de pessoas foram mortas  
em Auschwitz, em Kronstadt, no Arquipélago Gulag,  
em Hanói, em Saigon, em Leningrado, Havana,  
Hiroshima e Nagasáki

pela ignorância dos politicamente alfabetizados.

O analfabeto ideológico já não se lembra  
do napalm atirado em crianças, no Vietnã  
dos tanques esmagando jovens em Beijing  
nem da Primavera de Praga.

Ele esqueceu dos desaparecidos  
no Araguaia, em Buenos Aires,  
em Santiago do Chile.

O analfabeto ideológico  
explode bombas contra católicos e protestantes  
em Dublin

e contra judeus e muçulmanos  
em Jerusalém.

Não sabe o imbecil que da sua ignorância  
nasce o mutilado, o órfão,

o neurótico de guerra, a viúva,  
las madres de Plaza de Mayo,  
as ditaduras.

Tudo isso porque  
o analfabeto ideológico tem uma visão estreita,  
uma amnésia do passado  
e nenhum compromisso com o futuro.

Ele já leu todas as biografias dos grandes estadistas,  
mas nunca a do Mahatma Gandhi,  
que foi líder sem ser governante  
e por isso desconhece ahimsa: a lei da não-violência.  
Em seu radicalismo  
ele não ouve, não respeita, não conhece  
(ainda que seja para criticar)  
outras ideologias, que não a sua.  
Ele está preocupado em promover  
a discórdia, o confronto,  
e não tem o menor respeito à Vida:  
nem à sua, nem à dos outros.

**publicado na revista virtual Telescópio, 18/10/00**

## **ESTA POESIA**

a poesia que lhe chega  
é parte só do que acho  
não lhe resta nada ao lado  
nem acima nem abaixo

a poesia que lhe toca  
é parte só do que vejo  
um fragmento de vida  
cristal quebrado de espelho

ela não mostra a cara  
a metáfora é seu disfarce  
se lhe chega tapa ou beijo  
sempre mostra outra face

a poesia que lhe vem  
é parte, só, do que sinto  
do que me conta a verdade  
eu completo com o que minto

a poesia que lhe revendo  
não me vem de parte alguma  
com o preço de sua paga  
não se compra coisa nenhuma

é poesia sem clarão  
nem brilho que a ilumine  
se deseja que comece  
eu desejo que termine

esta poesia mulamba  
não se presta de agasalho  
e afirmo que ela vale  
tanto mesmo quanto valho

esta poesia coxa  
penitente de muleta  
se arrima na borracha  
e se escora na caneta

e assim me lanço ao papel  
em busca de salvação  
a sete léguas do céu  
a sete palmos do chão

esta poesia franca  
cujo nome já esqueço  
inicia onde acaba  
e termina no começo

esta poesia de mim  
é parte do bem e do mal  
o que se salva do homem  
em poeta parcial

## VAGO LUME, FOGO FARTO

vaga-lumes vermelhos  
em aço fincados  
olhos drogados  
rubros pares  
lumières pela estrada  
vaga-lumes vermelhos  
riscando na noite  
sinais de perigo

vaga-lumes vermelhos  
onde o seu grito?  
prestem atenção:  
curva para cima  
curva para baixo  
terra de asfalto  
cheiro de piche  
negrumes

por todos os lados  
vaga-lumes vermelhos  
irmãos das buzinas  
piscando intermitentes

a cada esquina  
vaga-lumes vermelhos  
incendiários  
nem trem nem carroça  
piscando daltônicos  
entre as linhas verdes  
vaga-lumes vermelhos  
luzes dos freios

# CURVAS

o arco do garfo  
em direção à carne  
a reta da seta  
em direção à meta  
a dor de quem sente  
em relação ao dente  
o movimento da lua  
em relação à rua  
o movimento da maré  
em direção ao pé  
a trajetória do grito  
rumo ao ouvido  
o movimento do corpo  
em busca do gozo  
o movimento do pião  
em cima do chão  
sua coxa que me rapta  
fâscia lata  
a dança dervixe  
em traje azeviche  
a saia baiana  
na escola de samba  
o eterno instante  
na roda gigante  
sushumna  
ida  
pingala  
kundalini, todos os chakras  
e ela havia  
láctea, láctea  
dormindo na cama  
respiração de Brahma

# CHUVA

*A chuva é a música de um poema de Verlaine  
(Cecília Meireles)*

uma chuva concreta  
uma chuva reta  
caindo de vez  
enxaguando a tez

já molhada  
chuva diagonal  
horizontal na sarjeta  
"- cai em pé, corre deitada"

apenas água desajeitada  
uma chuva umbilical  
ligando-nos às nuvens  
dando unidade ao corpo

uma chuva linda  
líquida, repentina  
escorrendo simples  
escorrendo

## MÊTA POESIA

*To a poet nothing can be useless  
"Para um poeta nada pode ser inútil"  
(Samuel Johnson)*

no asfalto não vinga poesia  
quem vai rimar concreto e aço?  
os rios estão sob as ruas  
as árvores, confinadas nos quintais  
os galos – sem fusos horários  
cantam sem relógios

onde amarraram os cavalos?  
os vira-latas viraram cachorros-quentes?  
neste agora não se abriga  
uma mulher-de-roxo  
um gengibre-do-terreiro  
um guarda Pelé  
(anônimas personagens do tempo  
náufragos da memória)

poesia ao buraco da rua?  
ao poste despencado?  
ao ônibus lotado?  
trituraram a poesia  
mas não destruíram as baratas  
nem o exibicionismo da lua cheia

suco de tangerina, essa menina  
por favor  
sem açúcar e batido  
no liquidificador



pele sobre pele, difícil vê-la  
e que das coisas não se diga  
que são mortas –  
tira de couro: ponte de formiga  
a dobradiça da porta  
prego velho, de cabeça torta  
sola de bota sem cadarço  
arame farpado na cerca da horta  
cigarro apagado  
sem filtro, sem maço  
areia ligada que virou vidraça  
cabo de faca: esteio do aço  
chumbo fervendo, procurando caça

minha poesia se embaraça  
neste tudo do mundo...

# LÁKSHIMI

Lákshimi esta noite  
dormiu na minha rede  
erguida entre os minaretes  
em frente a Stonehenge  
Eu passara o dia a demolir pirâmides  
e abraçara sândalos  
ao entardecer;  
de passagem por Machu-Pichu  
senti seu cheiro e corri  
Parecia que a lua  
ia dormir no meu travesseiro  
e o mundo inteiro  
quase cabia num mantra  
em Llasa –  
ela viera para minha casa  
e deitara-se aqui  
perto do Ganges

Suas coxas eram totens  
onde se conjuravam segredos.  
Sob um Véu de Maya  
numa dança do ventre, a sua saia  
traçava arabescos,  
suas pegadas, como beijos na aura  
E eram tantos braços  
eram tantas pernas  
e o que há entre elas  
que da minha rede se espargiam  
Minha deusa dormiu na minha rede  
e fez da minha alma  
seu tapete

## GRATIA DEI

Aquelas coxas moças  
serpenteavam entre as minhas  
e me amassavam os ossos  
uns seios enveludados  
De tudo tomava  
o breu e o brilho sob as pestanas  
e nem a fresta das venezianas  
sacramentava o dia  
As mãos eram nuvens de espuma  
almofadas nos teus pés  
boca engulindo o mundo  
e uma língua por vez  
e as coisas todas juntas  
curvavam-se nas formas  
e faziam do corpo  
a salvação das almas  
Respirava sortilégios  
e cavalgava as gotas do cansaço  
Sobre o seu braço  
dormiam, exaustos  
meus desejos

## O OUTRO LADO DA LUA

é preciso ter carinho  
é preciso ter cuidado  
com o fino prazer;  
não há de se fazer assim  
como à vulva dela

toque-se-lhe de pelica, a luva  
perfeita, cilíndrica  
não havemos de adentrá-la  
afoitos  
trata-se de um outro coito  
sazonal  
e para tal é necessária  
certa arte  
profundo, carnudo, justo  
divino prazer anal

e que também os dedos  
façam sua parte  
neste bacanal  
duplicando, pelos lábios  
os sentidos

que seja muito  
que seja vasto  
(e até, por vezes, virgem, casto)  
entre o supremo e o visceral

## ENSAIO 20

meus óculos escuros  
são para inticar o sol  
causar desavença  
ele gosta de frevilhar nas ruas  
se replicar nos vidros  
dos carros e dos edifícios

meus óculos escuros  
são para tingir de breu  
escurecer o céu  
embassar todo desnecessário brilho

uso óculos escuros, talvez  
porque queiram ver lágrimas  
em meus olhos

## DOIS MIL

fogos de artifício recriando o dia  
eram gritos e gemidos o que eu ouvia

as ondas, feito línguas, eram açoite  
em quase coxas — meia-noite

tantas luzes, de onde vinham  
se nos meus olhos se aninham?

quando os ponteiros se uniram  
os universos todos sucumbiram

jorravam líquidos borbulhantes  
gêiseres, lavas refrescantes

ventos sopravam, o chão tremia  
na mais alucinante das poesias

no dia seguinte, dia primeiro  
a maravilha do seu corpo inteiro

e na manhã nosso cansaço; o que restou  
as profecias se cumpriam  
os corpos se comprimiam  
o mundo acabou

## L'ANA

A tarde amorenava o dia  
permutando cores onde pousava  
o seu toque

Lançava sobretudo sua tez  
abria um leque à cara do sol  
e tingia de penumbra os espaços  
dos olhos dela fugia a claridão  
e à volta se tingia  
aquela cor de pele  
espargindo a noite

A quem contar segredos?

Inútil degredo dentro  
de nós mesmos  
ânsia de ouvir espelhos  
clamor de anos que não vieram

L'Ana e su"alma de caranguejo  
subterrânea, submarina  
tenazes fortes e cor baiana:  
a mais doce mistura destas tendas;  
seu corpo espraia-se  
num descobrir de terras macias  
além do Oceano (rio mais grande,  
lágrimas de Orixá)  
dança, noturno, feito estrela  
lua-mãe cheia nos leitões  
de um homem e dos rios  
fazendo canastras de tarot

Só L'Ana amortece a dor  
no parapeito do riso  
e seus lábios rubros e ciganos  
traçam caminhos, deixam vestígios  
úmidos no meu corpo  
e palavras em gemidos



# TEMPO FARPADO

*Matamos o tempo; o tempo nos enterra  
(Machado de Assis)*

arame farpado  
o Tempo recurva  
até os pregos;  
nos ferros  
depõe suas marcas  
amarga as madeiras  
descendo as ladeiras  
dos dias

A flor impera  
promessa da semente  
e do húmus da terra  
espinhos e farpas  
não cortam o vento

(o Tempo se cala)  
a pétala fala  
também somos eternos

**3º Lugar no V Concurso Literário da Fundação Cultural Canoas, RS, 2000  
e publicado na respectiva antologia.**

## ENSAIO 19

Quem se lembrará de nós?  
O tempo não passa!

Remar, remar  
mas aprender a conhecer  
os humores da correnteza  
saber deixar, na hora certa  
que o barco siga seu rumo  
apaziguando os braços

Meu mundo é todo mundo  
é o mundo inteiro  
e meus dias se contam  
por canteiros

# LICANTROPIA

*O lobo é o homem do lobo  
(Millôr Fernandes)*

Ardo  
banhado em gasolina  
fogo que consome  
e não termina;  
das Danaides, o tonel  
figado de prometeu  
de Sísifo, a pedra  
por um beijo seu

rasgo as vestes  
o pelo, a pele  
e o corvo grita

(...)

sudorese, frio, calor  
arrepio, asfixia  
e um uivo

(...)

onde estou? busco, perco  
suas mãos, suas coxas,  
seus cabelos  
qualquer parte tangível  
do seu corpo  
os seus olhos, o seu jogo  
o seu cheiro  
que me afague  
que controle essa chama

esse peito que se agita  
esse vício que lhe clama

esse desejo que me acaba  
esse homem  
que lhe quer  
como mulher  
em sua cama

qualquer coisa  
qualquer endorfina  
que cesse o pulso  
congele-me a retina  
contenha-me a respiração

uma pedra, uma figa  
um chá de alumã  
que cure a febre  
terçã  
uma gota de menarquia  
sobre o meu lábio  
que pare a agonia  
o desejo, a vontade  
pois se sou só metade  
prefiro nada ser  
limbo, vácuo, dissolução  
ah! horrível discrasia  
sede de Narciso  
que nenhum lago sacia  
eu quero um tiro  
de misericórdia  
em pleno coração  
eu só quero um gozo  
que me faça lobo:  
— MALDIÇÃO!

# ETERNIDADE

*E como ficou chato ser moderno  
Agora serei eterno  
(Carlos Drummond de Andrade)*

antes do meio-dia  
envelheci uns anos  
e perdi algum peso  
dos ombros

vidas se contam por estrelas  
no céu de cada um  
se há nuvens, menos vemos  
ventos que não vimos  
por aqui soprar

bom que você  
também pronuncie horrores:  
não suporto os anjos  
e sua perfeição

explodiria  
feito bexiga em unha de gato  
espantando quem me fere  
neste dia que asfixia-me

**Menção Honrosa no I Conc. Grn. Nomes Nova Lit. Brasileira, Jun/00 e  
Menção Honrosa no Conc. Lit. das Américas, Sindeal, Ago/2000**

# BEATRIZ

Beatriz me diz  
que os poetas devem viver  
apaixonados,  
mas seu olhar é pura timidez.  
Beatriz me diz, pelo seu corpo,  
o que deve  
ser feliz

Ela espanta medos  
transverte cinzas em cores retalhadas  
de seda e mel.  
Se está, cintila  
e brilha mesmo à luz  
Beatriz, em jade alquímico  
eterniza suspiros  
e a contemplação das carícias

É corpo muito  
muito mais que o mais  
dos vasto  
cântico dos cânticos  
e não apenas mulher  
mas vida escorrendo  
pelos cantos dos lábios  
quentes  
acalmados pelo doce das salivas  
acamado em coxas infinitas  
maculadas por dedos  
língua, pés e ventre

Beatriz é fonte  
mais que chafariz  
e oculta na fuga das pupilas  
outra mulher  
Beatriz me diz  
que o paraíso esconde-se  
no vertical mover  
dos seus quadris

## L

lânguido  
languidez, talvez, doentio  
talvez mórbido  
ou abatido  
lânguido, lambda  
no crânio fendido  
as tais  
suturas sagitais  
sagitárias, abissais  
lânguido, lépido  
talvez tépido  
mergulhando em tuas  
termais  
mesmo não tendo  
mesmo não sendo  
quente  
languente  
(m)orfeu mordaz  
em vagas de outono  
vaginais



## ENSAIO 16

que me acolha  
porque envelhecemos sem perceber

há falta de segundos  
ponteiros sujos de vinagre  
e poeira

se somos justos  
brindemos ao dia e sua luz

ardamos  
somos fogo  
depois, névoa

# MADRUGADA

*à mãe*

possuía o frio  
e mover-me não conseguia

as mãos de Maria me cobriam  
me aqueciam a madrugada

beijava-me a testa  
alimentava nossos sonhos  
e ia afagar seu homem

hoje faz mais frio  
infel escudeiro de vãos combates;  
ainda tenho medo de erguer  
o braço e puxar o cobertor

o frio é grande mais;  
desconheço a certeza  
(acordado só tenho pesadelos) —  
para aquecer meu peito  
e dormir sereno  
preciso de outras mãos marias  
que me apascentem os dias  
e cubram a noite  
com seus sonhos quentes

## UM POVO

Existe um povo triste  
que ocupa os tronos dos ônibus  
e faz cetros dos postes  
Homens que irrigam os muros com amoníacos  
e mulheres desesperançadas  
Um povo que não se entende  
que se entredevora  
despreza suas raças

Um povo bom, cordeiro  
que se deixa roubar e prender  
por trinta dinheiros  
sorrindo para as águias  
humilhando seus iguais  
Sucumbido aos confiscos,  
aos impostos, aos políticos  
de todas as bandeiras  
se refugia na orgia dos carnavais  
Não se extingue porque saúva  
Tantas vidas que a fome não dá conta  
e há sempre mais

Gente amada, feita amarga por falta de doce  
gente precoce, grande  
diante da pequenez dos estados  
químicos da tristeza  
Um povo que se confunde  
equivocado pelos caminhos  
nem sequer tangido. Largado  
aos próprios desígnios  
homens de toda ordem  
sem progresso, a ver estrelas

## ALEGORIAS II

(re)tiramos as fantasias  
as máscaras que nos cobriam  
o corpo, à alma  
*personas non gratas*

abadás não comportam  
as cores da vida  
nem tão poucas alegrias  
:emprestem-me uma mortalha!

suor, cerveja: chuvas  
molhando por dentro  
em meio à Avenida Sete  
o Campo, grande, não o bastante  
para caber o Oceano

...silêncio

calaram-se subitamente os trios  
omitiram-se os duos  
cada um  
por ser uno  
é um universo  
múltiplo e disperso  
mesmo sem suas penumbras

e IHVH disse: FIAT LUX!

# criação

## I

No primeiro dia  
o mar trouxe-lhe a pedra  
de terras perdidas. Anunciação.  
Como um canto de baleias  
perdido além... mar.

— *Velho, que costas são aquelas?*

— *América, Senhor,  
e depois o precipício  
das eras primeiras.*

No princípio e sempre  
apenas o Verbo era -  
Havia labaredas em noites de breu  
no mundo que se refazia  
da areia  
nas mãos de um deus.  
Fogo que ardia  
no corpo seu.

## II

A vida quebrava à ilha  
esquecidos: ela e ele.  
Da pedra uma luz, esmaecida.

— *Toma, Senhor, é tua.*

Palavras desconhecidas, invocadas  
e logo Ela emergiria.  
Quatro olhos que brilhavam  
começo e fim do primeiro dia.  
Coisas que não são dadas  
ao Homem compreender.

## III

O reflexo no espelho do mar

- Quem é você?  
- Você.

Eco, quem diria?  
Senhor e Senhora  
em plena alegria  
No dia segundo  
do mar veio a vida, indicação sábia  
que outras coisas existiam  
além do tridente em suas mãos.  
Senhor e Senhora  
em plena recriação:  
o caminho era correto  
e apenas um deus  
havia.

## IV

Ela ouvira o chamado  
canto de baleia,  
                amado  
sua companhia  
Encontro de mãos e a energia  
que inunda a ilha.  
Nada mais.

## V

As aves e os pequenos animais  
brincavam  
e nem primavera  
era.  
Então o pequeno deus encontrara  
o seu caminho  
                desalinho,  
agulha e linho enleados.

Mais nada.

## VI

Abriam os olhos e começava o dia.  
Ela espargia claridade  
aquecia o Sol com risos  
enquanto ele construía  
(aqui a fonte de água doce,  
ali quilômetros de flores brancas  
e além uma montanha  
de cabeça perdida entre as nuvens).

Da ilha nunca se soube  
ser mais apaixonadamente linda.

## VII

E enquanto o tempo corria  
e multiplicava-se como  
as estrelas  
ali não se sentia  
dor, medo ou tristeza;  
apenas se sabia do Senhor  
e sua Senhora  
hora após dia, dia após hora.



## VIII

Quando deitados  
confundiam seus hábitos  
nexos perdiam-se e seus  
sexos se encontravam  
as cigarras calavam seu canto  
farfalhar nas árvores não havia  
tampouco as corujas  
ousavam lançar a sorte;  
as serpentes escondiam-se  
o mar, calmaria e a lua  
era toda gozo.

Incontida alegria do outro  
em seu próprio corpo  
alquimia, toda sabedoria  
arco-íris de seiscentos tons

e a vida breve  
para caber tantos.

Ardor, vento e cantos.

## IX

O revolto mar reverencia  
e abraça a rocha por não sorvê-la.

— *Velho, meu sonho?*

— *Eu sabia... a pedra,  
mas veja o dia. Que  
sonho tê-lo poderia?  
Não és mais o mesmo, nem a ilha.  
Sim, Ela esteve aqui, ao teu chamado,  
maior que nós  
sem meio, começo ou fim  
sem noites, cem dias.*

— *E agora?*

— *À noite o sol, de dia a lua  
terás por companhia  
e saberás do invisível  
indivisível todo em toda parte.  
Ela sempre você  
teu norte, tua alegria,  
tua alma não apenas tua: Ela  
sempre  
no primeiro dia.*

## IN SITO LADO

Hoje produzo lixo, tão só.  
À minha volta papéis lascados,  
rasgados, amarrotados:

— Aquilo que foi um “erre”, ali  
um rosto cicatrizado  
pelo movimento inverso dos meus dedos;  
fragmentos do visto, pensado  
indigerido e ignorado  
pretérito, ex-presente... *mau* passado.

*[stein, que não sei se de Ein ou de Eisen,  
Marx, Karl ou Groucho  
e aquele Azevedo, meu Deus, de quem seria?]*

Uma boca ali, um nariz acolá  
Eram tão bonitos  
quando havia!  
Um sangue de tinta preta suja-me os dedos  
os nervos, mais tranquilos  
da vã selvageria.

Estou entre os meus  
eus, cercado de porcarias.

# ALUADO

*Qui vit sans folie n'est pás si sage qu'il croit.  
Quem vive sem loucura não é tão sábio quanto pensa.  
(La Rochefoucauld)*

gosto de ver a lua cheia  
vasta tanto enchendo  
o leito dos risos

gosto de ver a lua meia  
seus quartos crescendo  
no espaço que incendeia

gosto de novo de ver a lua  
nova cada vez que se deita  
e comigo flutua

gosto de ver a lua minguando  
úmida, em re-pouso  
após o eclipse, em descanso

gosto de ver a lua escondida  
atrás dos lençóis de nuvens  
no céu da minha cama

## CORPO II

pretazul  
banhas que banhas luz  
túnel (fim?)  
de luz, de vento  
em marondas claras  
e salgadas  
banhos de luzestranhas  
ha'r, estrelas, olhos  
fogueiras  
acesas à lua cheia

coisas que nunca aprenderei

luz, outra vez  
meus cegos vêem  
e premonizam

# DESCOBRIMENTO

assim lancei-me ao mar  
qual não tivesse início  
como um rochedo tonto  
malabarista em precipício

*deixei-me cair sem lástima  
no tépido das idades*

lacuna entre os segundos  
hálito preso, olhos vendados  
e onde estava o dia?  
ali, ao meu lado

*e donde se esperava a noite  
apenas eternidade*

*E fazia daquele grito  
o meu vício  
E fazia daquele desejo  
minha vontade*

## O TOURO

com sorte verás o touro  
no caminho para casa  
em seu nariz uma argola  
brilho dourado nas asas

um chifre mocho da queda  
que tomou em uma escada  
e a língua verde-oliva  
pela erva ruminada

os olhos são como as luas  
do planeta marciano  
ápis, nandi, touro minos  
boi do egypto, boi troiano

com sorte o touro verás  
sem ires sequer a granada  
voando sobre o cerrado  
galopando na chapada

talvez, se abrires os olhos  
enxergarás muito mais  
o touro e sua manada  
povoando pantanais

se o veres, beija o focinho  
do bicho, que é pra dar sorte  
alisa seu pelo de prata  
acima da anca forte

com sorte verás o touro

e seu rabo de dois metros  
com suas patas de bronze  
e o falo como um cetro

talvez ele até puxe prosa  
se estiver animado  
e te conte como virou  
este animal encantado

joga basquete em chicago  
aqui e acolá puxa arado  
no mac vira alimento  
na índia, deus, seja louvado

europa e pasífae  
habitaram seu harém  
ele pasta na manjedoura  
em Wall Street também

com sorte verás o touro  
se tiveres merecimento  
guarde um tanto do estrume  
que é o melhor unguento

e quando estiveres indo  
não faças qualquer alvoroço  
com uma guirlanda de flores  
adorne o seu pescoço

que o touro ficará  
muito mais que agradecido  
pois o boi é caprichoso  
boi-tatá, boi garantido



## ALUNISSAR

um dia chegarei com passos firmes  
sem cavalo  
e não direi palavra;  
o simples gesto da presença  
apaga mágoas  
e pressupõe surpresas

será um dia comum  
- nenhuma ânsia -  
com sol, nuvens e pássaros  
no rádio, alguma música romântica  
estará tocando  
a torneira da pia, como sempre  
pingando

um dia chegarei em silêncio  
e tudo flutuará  
por absoluta falta de gravidade

# UM PAÍS DE BRINQUEDO

Paisagem de quebra-cabeças:  
bonita, mas aos cacos.  
País de brinquedo  
distribuindo 7 palmos de terra  
a quem não tem

Os famintos tomam sopa de pedra  
comem barro  
e assistem, pela vitrine  
a moça loura na TV  
tomando seu café-da-manhã

Um país de brinquedo  
com maquiagem borrada  
rouge e batom transformando-lhe o rosto  
numa máscara bizarra

Um país coitado  
que não resolve seus problemas  
e quer cuidar da América Latina  
Um menino grande  
que se acha importante  
e quer estar entre os ricos  
sem erradicar sua pobreza

Um país com enredo de escola de samba:  
repetitivo e desconstruído  
um país de futuro escuro  
paraíso de bucaneiros  
e salteadores  
E um povo, que não o merece

# **O VERME QUE COMEU A ORELHA MORTA DE VAN GOGH**

enrolaram então  
num papel celofane, cor de jambo

colocaram numa caixa de papelão  
vazia de bisnagas de tintas

amarraram com uma fita de seda  
e enterraram no canteiro

as formigas, em devoção  
ergueram um cruzeiro

no alto de um turrão, um verme comeu  
e da semente de carne

rompeu o massapê  
um girassol lilás

# RÉQUIEM

florescem em mim  
chuvas de agosto  
orvalhos de sal  
molham meu rosto

arde em meu peito, a raiva  
o cálice transborda todo desgosto

sob a ponte dorme  
um homem morto

# SARCÓFAGO

faço de minha vida uma luta insana  
desconheço horas, dias e semanas  
durmo e acordo com o inimigo  
saber quem sou é meu maior castigo

estranho tudo o que me reflete  
negar meu dito é o que me compete  
e o Tempo tudo consome, traça  
será que se eu ficar quieto, passa?

# PLUVIAL

chove em mim, dia-não-dia-sim  
e assim, de tanto andar molhado  
descubro que a chuva é tão boa  
quanto a colheita

dia-não-dia-sim, meu céu escurece  
as águas me lavam, os corvos me secam  
dia-não-dia-sim, piso nas poças  
escorrego no chão

levanto, para cair de novo  
desmancho o sol  
limpo as vidraças  
extirpo cupins e traças

que querem comigo viver  
dia-não-dia-sim, escrevo umas coisas  
respondo umas cartas  
deleto uns e-mails, sem ler

só por prazer, nuns dias adormeço  
noutros anoiteço, ainda de manhã  
nuns dias me conheço  
noutros, me esqueço

nem eu quero saber de mim

## ENSAIO 19

quem se lembrará de nós?  
o tempo não passa!  
remar, remar  
mas aprender a conhecer

os humores da correnteza  
saber deixar, na hora certa  
que o barco siga seu rumo  
apaziguando os braços

meu mundo é todo mundo  
é o mundo inteiro  
e meus dias se contam  
por canteiros

# PERICULOSIDADE

não façam desse campo um deserto  
já nos bastam os homens mortos  
não amarrem a essas horas, tuas vidas  
sufocam-nos as esperanças já perdidas

nem busquem nessas plagas o amor  
aqui só há cansaço, nenhum fulgor  
fumaça, barulho, válvulas, tubos  
2 ou 3 sorrisos... entre um e outro surto



## TEIAS

as teias, já não alcanço  
ficam lá  
além de qualquer esforço  
longe de qualquer braço

no canto do cômodo  
no fundo do poço  
móvil de insetos  
tênue cicatriz do tempo

frangalhos de memórias  
p-r-e-s-a-s  
correntes de pernilongos  
que o vento não arrasta

em nada incomodam  
apenas mostram  
o que o tempo não  
afasta

# OS TAIS SINAIS

os tais sinais  
pedras nas veredas do  
des  
fila  
    deiro  
rochedos nos caminhos

gravetos pelos ninhos  
barcarola nos canais

e s c o r r e m   para os dedos

flagrados como uma

imagem semi-ótica

    código °.°.° braille

mensagem  
fugaz

## DIAS MELHORES, VERÃO

como tudo, as estações passam

folhas            rios            flores luz

devoro os elementos

ar            água            terra            fogo

mastigo as pétalas que caem  
plano com as folhas  
levado ao vento

se aos meus pés não brotam girassóis  
planto as sementes dentro de mim  
e fecho as janelas  
para silenciar o frio

deixo que tudo passe  
e penduro  
as pegadas da memória na parede

# **BULA ALQUÍMICA PARA UM AMOR ELEMENTAR**

Despoje-se.

Nenhum amor suporta o peso das lembranças.

Abandone completamente  
as memórias, as recordações, as idéias.

Evite as comparações

que as histórias não se repetem:

nem o Sol se refaz.

Não creia que as pessoas são iguais.

Desconheça-se.

Ignore o que lhe mostra o espelho

as fotografias do passado

e as dedicatórias nos livros apinhados na estante

Mas lembre que nada, nem seu corpo,

lhe pertence.

Os pais, os filhos, os parentes, os vizinhos,

um ex-amor, nada disso importa

ou atrapalha

abandone toda idéia de posse

e toda pose

É no desapegar-se que reside o segredo de entregar-se.

Descubra que no vazio

está o Infinito

e quando consiga perceber

que Tudo está no Nada incontido  
e que no peito apenas a certeza  
tem abrigo

só então  
tire toda a roupa  
dispa-se de si mesmo  
e entregue o corpo  
a quem lhe ama

É nesse ritual  
de dois abismos que se encontram  
que os segredos do Universo se revelam

É que se descobre  
que somos um pouco mais  
que apenas pele  
e para quem já entregou a alma  
o corpo é apenas  
mais um detalhe

Abandone-se.  
Deixe-se diluir em lágrimas  
sinta a energia que lhe percorre  
implodindo cada célula  
numa pequena morte.

E lembre-se: só nos encontramos  
quando nos perdemos  
e ressuscitamos  
nos braços de outro alguém  
que não nos tem  
porque também já nada lhe pertence.

# ALTITUDE

vôo  
sobre a cidade  
a meus pés  
milhões de almas  
que nunca tiraram os pés do chão

nenhuma delas se iguala  
à mulher que trago no coração  
àquela que beijo por dentro  
e abro as pétalas  
para sugar o néctar

paio  
sobre as nuvens  
e lá embaixo ela me espera  
com seus beijos de Cleópatra

seu colo de Vênus  
sua vontade incontida  
desmorono labirintos  
corto o nó górdio dos seus medos

e, entre os seus seios  
redescubro  
minh'alma  
escondida

# **TUDO O QUE SARTRE PRECISAVA SABER SOBRE FILOSOFIA**

Ah! Saudades do corpo quente  
que Maria me oferecia  
ao morno cair das tardes  
justificando o dia!

Fugíamos descarados  
das caras costumeiras  
descíamos as beiras  
e embrenhávamos nos matos, nas ribanceiras

ofegante ante o pressentido gozo  
Enlameava-me nos seus líquidos acres  
e derramava-me contente no seu ventre  
esquecido das bronhas de antanho

ah! Maria e seu colo de estanho  
em cumplicidade lúbrica de adolescente,  
amiga indecente, desaparecida  
entre as névoas do ontem

- centímetros de pele  
a abarcar toda filosofia  
extinguindo os purgatórios -  
Hoje contam-me estórias vazias

que há graça na vida;  
não sei bem...





## ENIGMA

De um e outro lado o manto  
verde das trepadeiras escalando  
o muro de pedras seculares. Sobre mim caem  
traçam riscos rubros no meu rosto.  
Nada sai. Nada sei.  
Nuvens sacolejam suas saias  
azuis de rendas brancas.  
Estalos de galhos, hálito de folhas secas  
pedregulhos. Antolhos.  
Para sair de Creta  
fugir dos domínios de Minos  
é condição proferir a palavra secreta  
sudar orvalhos pelas mãos;  
Trilhas em torno, quadricêntricas.  
Quando chega a noite  
tudo deixa de ser sal  
somente aqueles pontos que brilham no céu  
acima de todo segredo  
conferem ao degredo algum sentido.

Ninguém encontra o que não foi perdido.

# MONÓLOGO COM O MAR

Lembro-me bem  
sim...  
Falava-se  
de uma mulher  
que degustara  
a grande potência  
de um presidente  
que havia  
falo demais  
(alguns muçulmanos  
tiveram que morrer  
enquanto ela depunha  
punha  
depunha  
punha  
o céu na boca)

a poesia, então  
já deixara de ser importante  
para mim

Foi quando  
todos os lugares  
mudaram de nome  
para o nome  
de um homem  
que morrera  
de coração partido  
— E eu  
me abstinha

de álcool  
de carne  
de paixões  
à exceção  
de alguns  
senões  
passageiras  
de avião:  
às pessoas, sim  
ao seu mundo  
não  
ela, então  
já deixara de ser importante  
para mim

Haveria flores no jardim?

Soprava-me  
um guru  
e eu aprendi  
a contemplação  
a meditação  
a respiração  
a dizer não  
e calcular  
os juro  
da aplicação  
Nenhum sonho  
até dois mil  
Ainda lembro  
ainda  
do frio  
na coluna ereta  
da mente

inquieta  
do peito  
vazio

eu, então,  
deixara de ser importante  
para mim

Fatiavam  
as nações  
e as nacionalidades  
alugavam-se  
cidades  
e leiloavam-se  
dignidades

mas, então, as ideologias  
já haviam deixado de ser  
importantes para mim

Mas não  
a lágrima  
que molha  
aquece e salga  
irrompe  
lava os olhos  
e a alma  
faz-nos gente  
Mas não o riso  
doce placebo  
de todas as dores  
Mas não os livros  
fiéis amigos  
por mais

dura a capa

lembro-me, sim, que  
a lembrança deixara  
de ser importante para mim

E que não  
havia guerras  
fome  
nem qualquer  
outra coisa  
secundária  
durante  
um torneio  
mundial  
de futebol

a novela das oito  
já não era importante  
para mim

Havia mais  
medo do bug  
do Milênio  
que das profecias  
de São João  
O Islã rugia  
as ações caíam  
e as economias  
despencavam

mas o dinheiro  
já não era importante  
para mim

Ainda me lembro  
que seu rosto  
era azul  
suas pegadas  
morenas  
seu colo  
gasoso  
Falava-me, assim  
dos bilhões  
de planetas  
dos milhões  
de sóis  
e de um só Deus  
vasto e uno  
como o mar

mas o céu  
já não era importante  
para mim

Porque escorria  
a vida do corpo  
dela e meu  
entre bombas  
químicas  
e desesperados  
apelos  
universais

mas mesmo as estrelas  
já não eram importantes  
para mim

nem nada destas  
coisas grandes  
(Ecologia, Direitos Humanos,  
Camada de Ozônio, Poesia,  
Armagedon)  
me diziam

Porque tudo  
muda  
porque tudo  
morre

e sonhar perdera a importância  
para mim

**Menção Honrosa no I Conc. Poesias Ed. UFMS e  
publicado na antologia do respectivo concurso**

## **SOBRE O AUTOR**

**GOULART GOMES** nasceu em Salvador, Bahia, em 1 de maio de 1965. Administrador de Empresas, pós-graduado em Literatura Brasileira (UCSAL) e em Gestão de Comunicação Integrada (ESPM-RJ). Atua na área de Comunicação Empresarial. É espiritualista e pesquisador de ficção científica. Fundador do Grupo Cultural Pórtico (1995) e criador da linguagem poética Poetrix (1999). Obteve 67 prêmios em concursos de poesia, prosa e festivais de música e participou de 54 coletâneas publicadas no Brasil, Cuba, Espanha, USA, Itália, França e Coréia do Sul e tem trabalhos divulgados em vários outros países. Atualmente é o Coordenador do Movimento Internacional Poetrix e do Grupo Cultural Pórtico. Como editor alternativo propiciou a publicação de 56 livros e coletâneas de novos autores.

### **Homepages:**

[www.goulartgomes.com](http://www.goulartgomes.com)

[www.movimentopoetrix.com](http://www.movimentopoetrix.com)

[grupoportico.blogspot.com](http://grupoportico.blogspot.com)



**Outros Livros de Goulart Gomes:**

**POESIA**

*Anda Luz* (1987)

*Todo Desejo* (1990)

*Sob a Pele* (1994)

*LinguaJá, o Território Inimigo* (2000)

*Esfinge Lunar e Outros Enigmas* (2001)

**POETRIX**

*Trix, Poemetos Tropi-kais* (1999)

*Minimal, dos males o menor* (2007)

**TEATRO**

*A Greve Geral* (1997)

**CORDEL**

*A Divina Comédia* (1989)

**CONTOS**

*Todo Tipo de Gente* (2003)

**ENSAIO**

*Matrix Revelations – Tudo o que Você Queria Saber sobre o Filme* (2005)

**ROMANCE**

*Deixando de Existir* (2009)

Goulart Gomes

Este livro foi publicado em primeira edição no ano de 2001,  
pelo selo editorial alternativo

**Pórtico Edições**